

## A Casa do Pomar

Era uma vez, numa linda cidadezinha a beira mar. Lá no alto da colina, um pouco afastada se avistava uma casa que ficava no meio de árvores altas, onde se ressaltava duas antigas torres.

Vista assim de longe, parecia uma igreja, ou dependendo do ângulo de onde era avistada, parecia um castelo.

As árvores que a circundavam eram tão altas e mal dava para se ver as enormes janelas que quando semi abertas, com certeza mostrariam os ricos e antigos vitrais multicolores.

As paredes de pedra estavam cobertas por musgo verdinho e heras viçosas. Hera é uma plantinha sempre muito verde e forte e que se agarra em paredes de todos os tipos, subindo em direção aos céus.

Assim a hera se desenvolvera muito bonita fixando-se às paredes de pedra da velha casa. Algumas janelas da frente estavam sempre fechadas.

Diziam os moradores da região, que aquela tinha sido há cinquenta anos atrás, uma casa muito alegre onde haviam sido realizadas muitas festas e os visitantes iam e vinham nos seus belos jardins.

Mas acontecera uma tragédia há muitos anos e desde então, o único morador da casa não mais abriu as portas aos visitantes.

Que tristeza ver as árvores sem trato. As plantas e flores se perdiam no matagal que tomava conta do que tinha sido no passado, um belo e viçoso jardim.

No quintal dos fundos, haviam muitas macieiras, que insistiam em produzir seus belos frutos. Mesmo as macieiras pareciam envelhecidas e cansadas!

Ninguém aproveitava dos seus frutos.

Os felizes passarinhos, alheios a tudo, tinham ali um grande manancial de alimentos. Os caules das velhas árvores eram cobertos por musgos e insetos. As raposas iam saborear as maçãs que caíam no chão. Mesmo assim, muitas maçãs apodreciam e formavam adubo renovando o solo abençoado que nunca cessa de produzir.

Ninguém ousava se aproximar da Casa do Mato, como passou a ser conhecida por várias gerações. Diziam que lá morava um velho muito mau, que não queria a aproximação de ninguém.

Com o passar do tempo, a história verdadeira caiu no esquecimento e não mais as pessoas procuravam saber quem lá morava, ou o que fazia.

Assim se passaram muitos anos.

Ao redor da casa, já a cidade avançava, com novas construções, ruas e praças.

Muitas crianças iam e vinham da escola, passando bem em frente ao grande portão envelhecido, o qual estava sempre fechado. Mas ninguém dava atenção à velha casa, nem mesmo as crianças se interessavam.

Aquele era um belo dia de sol.

Uma nova família se instalara no número 53 que fazia divisa com a Casa do Mato, cujo número era 55.

Era uma bela, feliz e saudável família formada por 5 pessoas.

Ah! Não podemos esquecer a sorridente cachorrinha Lily. Lily era considerada como um membro da família do senhor Jacques: a sra. Mary e os filhos Charles, Claudia e Mirelle. O senhor Jacques fôra transferido do seu trabalho na Bélgica, indo residir com a família justamente naquele bairro tão promissor, nos arredores da cidadezinha.

Bem, então, dias após se instalarem, a família decidiu dar um passeio a pé.

Assim, a senhor Jacques e sua família que nada sabiam dos antigos acontecimentos em sua vizinhança, saíam sempre para dar um passeio para conhecerem os arredores, onde ficava a escola, o centro do bairro e outros locais de interesse social da família.

A cachorrinha Lily tinha os pêlos brancos e pretos. Estava sempre de bom humor, e era a alegria da família. Distraía a todos, fazendo piruetas correndo à frente das crianças.

As três crianças, Charles, Mirelle e Claudia haviam recebido a pequenina Lily, quando ela ainda estava sendo amamentada. A mãezinha fôra atropelada. Não resistindo aos ferimentos veio a morrer.

Lily fôra criada com todo zelo e carinho. E em reconhecimento às crianças tão dedicadas, ela era obediente e muito higiênica. Tomava seu banho sem fugir, colaborando com a manutenção da limpeza de todos os ambientes. Isto deixava dona Mary muito feliz.

E olhem que dona Mary era muito exigente com a ordem dos objetos e a limpeza em casa.

Bem, então, dias após se instalarem, a família decidiu dar um passeio a pé.

Mirelle e Claudia eram gêmeas. Eram filhas muito queridas e obedientes. Tinham 10 anos. Charles contava 12 anos e era muito esperto. Estava sempre de bom humor, muito prestativo e ajudava sempre as irmãzinhas. Nos passeios a pé, estava Charles sempre à frente, correndo saltitante junto a sua querida cachorrinha Lily.

No passeio, as três crianças se adiantaram muito, e foram olhar pela fresta do grande portão velho, carcomido pelas intempéries.

O portão estava cheio de plantas que nasciam em suas frestas. Viram que estava levemente entreaberto. - Quem será que mora aqui? Pensou Charles.

Em sintonia, Claudia e Mirelle tiveram o mesmo pensamento. Parece que Lily ouviu os pensamentos das crianças e fez um esforço para puxar Charles para dentro do jardim, como que convidando-o a segui-la.

A curiosidade fez com que as crianças empurrassem mais o portão. Este se abriu rapidamente, permitindo às crianças a entrarem naquele jardim.

Abrindo-se o portão Lily, mais que rapidamente correu pra dentro e Charles seguiu atrás gritando...

"Lily!... Lily!... volte... venha aqui!... Lily... Lily..."

"Ia ele chamando a sua cachorrinha sapeca, mas ela nem escutava, estava tão feliz por encontrar um belo quintal para correr solta.

As crianças desconheciam que aquele jardim já fôra palco de muitas recepções, muitas festas, muitas luzes, muitas alegrias. Mas agora, já há muito tempo, não recebia as peripécias infantis dos pequenos que antigamente rolavam em seus gramados, ou faziam arranjos com as belas flores...

Oh! Que tristeza! Tudo abandonado.

Nada de flôres cultivadas, só plantas com espinhos. Tudo havia ficado no passado.

Ternas ervas daninhas e flores silvestres lutavam por sobreviver umas sobre as outras, para alcançarem a luz do sol que lhes dava energia vital. Algumas tinham espinhos como forma de defesa contra animais e insetos.

Mas eis que Lily correndo sôlta e feliz, subiu as escadas cheias de entulhos que terminava numa varanda. Eram pedaços de madeiras envelhecidas que caíram do teto, misturando-se às plantas que nasceram na umidade que se formara com o tempo e se alastravam pelas escadas. Lily foi até o final do corredor da varanda, até a porta dos fundos da Casa do Mato. Charles, que a seguiu de perto, de repente desviou seu olhar para o pomar. "Que pomar atrativo, que belas árvores!" "Quantas maçãs!"

Ficou encantado quando viu as macieiras carregadinhas de maçãs, lindas e uma quantidade imensa de maçãs no chão. Ele desceu a escada e correu até a macieira.

Apanhou uma delas e voltou para chamar as irmãs, que viessem ver o pomar!

Eles que sempre viveram na grande cidade, em um pequeno apartamento, não tinham noção de que pudesse existir uma Casa no meio do Mato cercada por árvores que produziam maçãs, as macieiras.

E as maçãs nos galhos das velhas macieiras encantaram os olhos de Charles, eram bem diferentes das maçãs de cêra que enfeitavam a fruteira da mesa de jantar de sua casa. E tinham um doce perfume e eram lindas... muito lindas!

Charles esfregou uma delas em sua camisa e viu que o brilho da casca da maçã quase refletia sua imagem como em um espelho.

- Pensou Charles: - "Nossa! Que maravilha! E eu que pensei que isso só existia nas estorinhas que minha mãe contava quando eu era pequenino..."

- Charles, correndo em direção aos pais, começou a chamar as irmãs: *Claudiaaaaa! Mirelleeeee!* Venham ver que lindas maçãs...!

Nisto nossa pequena sapeca Lily começa a latir sem parar, nervosa parada em frente à porta dos fundos da casa.

Não se podia vê-la, mas se ouvia muito bem os seus latidos.

Por mais que Mirelle a chamasse, ela não obedecia. Charles a chamava também, e ela não atendia. Eles estranham o comportamento de Lily.

Com cuidado, desviando as madeiras podres conseguiram chegar até onde Lily se encontrava.

"Vou dar-lhe umas boas palmadas, pensava Charles!"

Ela nunca desobedecera antes, o que será que estava acontecendo com ela?

Mas de repente, eles pararam e escutaram uma voz rouca, que parecia vir de muito longe!

- "Socooooooooorro... Me ajuuuuuuuudem..."
- Socooooooooorro... Me ajuuuuuuuudem..."
- Me ajuuuuuuuudem... Socooooooooorro..."

Apuraram um pouco mais os ouvidos e perceberam que o chamado vinha de dentro da casa.

Mais que depressa, sem responder, Charles saiu correndo, foi até o portão e chamou os pais, dizendo-lhes que viessem rápido! Alguém, pedia socorro dentro daquela velha casa.

Senhor Jacques entrou rapidamente no jardim, foi até a porta dos fundos e também ouviu o apêlo de ajuda! Todos escutavam uma voz que sem parar gritava já quase sem forças: - "Socorro!... Me ajudem!..."

Senhor Jacques colocou as mãos na maçanêta da porta e ela se abriu rapidamente.

Ao entrarem na cozinha... que tristeza! Encontraram um velhinho de cabelos e longas barbas brancas caído ao chão. Percebeu-se na hora que ele havia escorregado do banquinho de madeira, quando tentava apanhar um quadro de fotografias que estava colocado a anos, no alto da parede.

Sem maiores questionamentos, mas visando socorrer o senhor John (o velhinho de barbas e cabelos brancos). senhor Jacques não perdeu tempo. Imediatamente chamou a ambulância e o senhor John, foi levado ao Hospital da pequena cidade.

Todos abraçaram Lily. Cachorros tem a audição muito melhor que a do ser humano.

Lily pressentindo o que havia acontecido dentro da casa e latindo vigorosamente, conseguiu chamar a atenção de todos.

Em vez de palmadas, a pequena corajosa cachorrinha Lily recebeu muito elogios e carinhos pela sua destemida atuação.

Com isso, senhor John fôra atendido em tempo. Se não fôsse a atuação de Lily, ele poderia ter morrido ali, sozinho. E com certeza, ninguém teria dado falta dele, já que ele mesmo não queria a aproximação de ninguém.

Passaram-se duas semanas de lindos dias de sol, em plena primavera.

Certa manhã, quando as crianças iam saindo para escola, acompanhados pelo Senhor Charles, a senhora Mary se deparou com um pequeno envelope amarelado, no chão, ao lado da porta da sala, o qual de imediato chamou-lhe a atenção. Sentiu um forte aroma de carvalho que exalava do envelope amarelado, antigo, dando mostras de haver sido guardado numa gaveta por muitos anos. Todos, calados, permaneceram ao seu lado.

No canto esquerdo do envelope, acima do destinatário, havia o símbolo de um brasão muito rico em detalhes, cujas cores estavam esmaecidas pelos anos. Mary abre o envelope bem devagarzinho. O papel estava também amarelado mas era tão bonito e da mesma qualidade do envelope. Chamou a atenção de dona Mary, as letras que eram maravilhosamente desenhadas e com muito zelo. A emoção inundou-lhe a alma e ela sentiu um carinho especial naquela carta, que fora entregue muito cedo, e não era do correio normal.

Todos em pé, parados junto a dona Mary, sem mencionarem uma só palavra, pressentiram quem era o remetente.

**Meus queridos amigos:**

**Jacques, Mary, Charles, Mirelle, Claudia e pequena Lily!**

**Gostaria de convidá-los para virem a minha casa no sábado a tarde.**

**Quero demonstrar-lhes a minha gratidão por terem me socorrido.**

**Não fosse vocês, eu poderia ter morrido!**

**John**

Dona Mary abriu o envelope, e leu alto, para todos ouvirem:

Que expectativa!

Parecia que o convite fôra dirigido a Lily, pois ela também estava tão excitada, corria de um lado a outro, latia mais do que o normal. Charles, Mirelle e Claudia, mal podiam esperar que chegasse o sábado.

Eles queriam muito ver o senhor Jonh recuperado.

Mas, mais interessados estavam em ver o quintal da Casa do Mato, explorar as belas árvores, colher os figos e as maçãs.

Era possível que lá morassem raposinhas. Então teriam oportunidade de ver uma raposinha de verdade e não apenas a do livro do Saint Exupèry.

Que maravilha! Este seria um sábado diferente em suas vidas.

Chegou o dia esperado!

As crianças se levantaram pela manhã, arrumaram suas caminhas, depois foram tomar banho e se aprontaram para a refeição matinal. Como era sábado, nem, era preciso que se levantassem tão cedo, pois não tinham de ir à escola.

Mas, nem pensar. Era muito importante que estivessem acordados, e só faziam planos para a visita à Casa do Mato, logo mais, depois do almoço.

Os vizinhos da rua tomaram conhecimento do ocorrido.

Quase não acreditaram quando souberam que a família belga, recém chegada já havia recebido o convite para entrar naquela casa misteriosa.

Dezenas de anos e ninguém ousara colocar os pés naquele domínio particular.

Bem, os vizinhos ficaram felizes!

Alguma coisa havia mudado. Parece que até os ares ao redor da Casa do Mato estavam diferentes. Sim, até perfumado o ar estava! A beleza do belo dia de sábado, com um sol brilhante colaborava com este acontecimento.

Eis que chegou a hora de saírem.

Jacques, Mary, Mirelle, Charles e Claudia, (sem esquecer a Lily) se puseram na rua e andaram 50 metros. Pararam em frente ao grande portão. Se entreolharam! Sem nada falarem um ao outro, todos se comunicaram perfeitamente. Deram-se as mãos num silencioso compromisso de fortalecimento no bem e transpuseram o grande portão.

Iam contornando a casa, se dirigindo aos fundos, quando uma voz os chama:

- Amigos, por aqui!

Eles se voltam e vêem o senhor John.

- Boa tarde amigos! Por aqui, por aqui... mostrando o outro lado da entrada, onde parecia que havia uma escadaria de mármore rosa.

Afastando com dificuldades os arbustos que escondiam os degraus, eles conseguem passar sob galhos e mais galhos e atingem o alto da escada.

Era uma varanda muito bela, de onde se avistava todo o imenso jardim. A grande porta de folhas duplas de madeira entalhada estava aberta, pela primeira vez em cinquenta anos.

Adentram ao recinto.

As crianças que são as mãos de Jesus na Terra, sendo mais descontraídas, abraçaram o senhor Jonh. Colhido de surpresa, ele nada disse, ficou mudo. De seus belos olhos azuis, na face iluminada de alegria, rolaram duas lágrimas, que percorrendo as rugas de seu rosto, findam a caminhada na barba branquinha.

Disse o senhor John:

- Me perdoem a emoção.

Fazem cinquenta anos que recebi pela última vez, o doce abraço de meus três filhos. Tinham as suas idades. Beijou-lhes a fronte e os abraçou, aos três ao mesmo.

O silêncio fôra quebrado pela agitação das crianças, descobrindo na grande sala, objetos que nunca viram antes. Havia troféus de caça nas paredes e eles ficaram penalizados ao verem cabeças de cervos e outros animais empalhados. A sala parecia um Museu como eles haviam visitado em sua cidade.

Sra. Mary percebeu que a casa fora limpa às pressas. Fôra tirado o pó das cadeiras e da mesa grande, onde estavam expostos doces de maçã, biscoitos e um bule com chá quentinho, esperando os visitantes.

Era a maneira de senhor John agradecer o auxílio que lhe prestaram esses novos vizinhos, melhor dizendo, amigos!

Quando senhor John bateu os olhos na pequena Lily, abaixou-se com dificuldade, apanhou-a no colo e a abraçou com muito carinho, alisando o seu pelo e dizendo a ela:

" - Obrigada pequena Lily!" "Obrigada por ter ouvido o meu pedido de socorro. Não fosse por voce, por voces, se dirigindo a todos, o que teria sido de mim? Como eu estaria agora? Onde eu estaria

agora? Poderia eu também ter morrido como aconteceu com os meus amores que já se foram a cinquenta anos."

Ele ia continuar a falar, mas foi interrompido pelo pedido das crianças.

- Senhor John, poderemos ir visitar as macieiras, brincar no seu pomar?

Será uma alegria ver vocês brincando sob as árvores, meus pequenos, respondeu senhor John.

Os pais também concordaram.

As três crianças saem correndo e felizes, sempre seguidas pela prestimosa amiguinha Lily.

O senhor John, relata aos novos amigos o que lhe causara o acidente na cozinha.

De vez em quando ele apanhava o quadro onde mantinha as fotos da esposa e dos três filhos e trazia o quadro junto ao coração. Chorava por horas e horas a fio, incorformado pela abrupta partida deles.

Senhor John não acreditava que o espírito é eterno, que não há morte. Não acreditava que a vida era composta de muitas existências e que em cada existência o espírito progredia.

Mas estava ele falando sobre as fotos do quadro e dizia:

- São as fotos de minha esposa e três filhos pequeninos, que morreram quando a charrete em que voltavam pra casa, caiu no rio, num dia de tempestade.

- Vinham da escola que distanciava 4 milhas daqui. A paisagem era bem diferente. Não existiam casas próximas.

O cavalo se assustara e a charrete mergulhara no rio. Não havia ninguém para socorrê-los. O cocheiro e a governanta...todos pereceram.

Desde então, disse o senhor John; não mais tive alegrias, decidi viver sózinho, enclausurado e solitário nesta casa.

Depois, lentamente todos foram me deixando e a idade foi chegando e aqui permaneci somente esperando a hora de minha morte.

Neste momento, senhor Jacques, que era um homem espiritualizado e muito religioso, cultivava a caridade no seu coração, buscando inspiração espiritual, aproveitou a deixa e em poucas palavras, explicou ao senhor John das maravilhas da continuidade da vida, de que ninguém morre.

Falou ao senhor John sobre a imensa obra dos Espíritos, codificada por Allan Kardec.

Senhor John se interessou e então combinaram iniciar a leitura para que ele, o Senhor John pudesse obter esclarecimentos sobre a continuidade da vida. Eram tantas perguntas que ele fazia a Jacques. Este decidiu ir até sua casa e trouxe um presente maravilhoso ao senhor John, "O Livro dos Espíritos."

Entregando o livro, disse-lhe: - "Querido amigo, tudo em nossa vida tem uma razão de ser. O acaso não existe. Não há vítimas ou castigo. Não há céu ou inferno como espaços físicos. Neste livro encontrará todas as respostas aos seus questionamentos.

Continuando, senhor Jacques falou: - Assim, caro John, quando desejar, poderemos estudar juntos e então elevaremos preces de agradecimentos à Deus, ao Mestre Jesus por nos colocar uns nos caminhos dos outros. Juntos em oração, caminharemos na mesma direção, que é a evolução espiritual de cada um."

O senhor John derramava lágrimas de gratidão. Anos e anos e nunca houvera recebido visitantes tão caridosos. Nunca antes havia visto um livro como êsse. Aquelas eram pessoas simples que vinham lhe trazer o lenitivo aos seus sofrimentos de muitos anos.

Pensava ele em voz alta:

- Com certeza o acaso não existe mesmo. E eu sou prova viva disso. Estou aqui, saudável novamente graças a vocês, amigos do meu coração.

Em dado momento, entram as crianças felizes, com a Lily sempre sorridente.

A pequena cachorrinha dá um salto e se coloca no colo de senhor John.

As crianças fazem o mesmo!

E todos sorriem felizes. Era uma feliz família reunida.

Do plano espiritual, quatro espíritos iluminados sorriam também.

Eram a esposa e os filhos do senhor John que sempre estiveram ao lado dele, ajudando-o do Plano Espiritual.

Estavam sim, felizes, pois a família do Senhor Jacques os ouvira por intuição.

Com todos esses acontecimentos, voltou a alegria no coração do senhor John.

A Casa do Mato não mais assim seria chamada, mas sim a **Casa do Pomar**.

Daquele dia em diante, senhor John passou a convidar a todos os vizinhos e todos os que desejassem colher maçãs, figos e que viessem fazer pic-nic no seu jardim, no seu quintal.

Os vizinhos adoraram essa mudança.

E cada um que lá ia colher maçãs, ajudava a cortar a grama, os velhos galhos das árvores, plantavam hortaliças, flores, frutas e todos colhiam. A comunidade, a vila toda ficou muito feliz.

Senhor John passou a ser querido por todas as crianças e adultos.

Ele não vencia atender aos convites de seus vizinhos para irem tomar chá com eles.

.....

*Sempre devemos ter em mente que tudo o que nos acontecesse, tem uma razão de ser.*

Devemos ter sempre o coração agradecido a Deus, porque algum bom aprendizado tiraremos de todas as situações fáceis e difíceis de nossas existências.

Fim

Aguardando registro no Ministério da Cultura sob nº. ®

Livro 00      Folha 00

® Autora do texto e desenhos ClipArt – Elsa Rossi

[elsarossikardec@gmail.com](mailto:elsarossikardec@gmail.com)

[www.elsarossi.com](http://www.elsarossi.com)

2004©

Agradecimentos

Aos Benfeitores Espirituais, que são nossos Anjos Guardiães que nos inspiram, aos meus sete netinhos que são luzes da minha alma, aos amigos que me incentivam, e a Marie Vaudrand da França, amiga querida, que inspirou os nomes dos personagens deste conto, fazendo a revisão do mesmo e traduzindo-o ao frances.